Ana Folhadela

A PRINCESA E A LOBA

desenhos de
Luiz Darocha

ASSÍRIO & ALVIM

A princesa e a loba

Num dia muito frio e muito cinzento e muito chuvoso e muito distante e muito triste de um inverno muito longo, há muitos e muitos anos, uma princesa muito bonita e muito meiga de olhos muito verdes e muito brilhantes saiu de casa e entrou num pântano muito escuro e muito húmido.

Os seus pais, o rei e a rainha, muito ricos e muito preocupados, passaram muitos anos à procura dela por muitos mundos e muitas vezes choraram muitas lágrimas muito grossas, porque queriam muito que ela voltasse muito depressa e parecia que ela há muito tempo se fora e que passaria muito tempo até que ela voltasse.

Um dia chuvoso, num outono castanho há menos do que muitos anos, quando já se anteviam, por entre as gotas de chuva, as luvas frias do inverno a acariciarem a face da Terra, um homem muito velho e muito doente e muito só chegou àquele reino muito cansado e vindo de muito longe e insta-

lou-se para pernoitar, muito perto das portas de um castelo muito antigo.

A chuva batia muito forte, como lâminas a cortarem o chão de folhas secas, que o vento depois varria, lançando-as como fragmentos de pele contra as árvores. E a chuva colava-as aos seus troncos, que as acolhiam como se do seu corpo se tratasse.

Sentado sob um grande Eucalipto que posava em frente ao castelo, ergueu os seus olhos cinzento-azulados para o cinzento-neve do céu, enquanto um caudal de chuva lhe lavava a barba grisalha e a roupa incolor e enlameada.

Caiu a noite e o homem muito velho fechou os olhos muito tristes e esperava não mais acordar.

Do frio cinzento da noite uma bola húmida e gelada tocou-lhe na mão.

Abriu os olhos e um lobo velho e faminto afastou-se alguns metros, rosnando receosamente.

O homem abriu o seu saco muito roto e magro e tirou uma fatia de carne muito dura, que atirou ao lobo.

O lobo cinzento ganiu nervosamente. Sentou-se. Levantou-se. Deu meia volta e voltou a sentar-se a olhar para o chão com os seus olhos verdes e brilhantes. Pousou a cabeça e pôs

uma pata sobre ela, olhando para o homem muito velho através dela. Voltou a retirar a pata, espetou as orelhas, ganiu, deu à cauda, levantou-se e decidiu-se.

Começou a andar, primeiro mais depressa, depois timidamente, conforme se ia aproximando. Parou muito perto dele e cheirou o ar.

O homem muito velho olhou para o outro lado como se nada se passasse e o lobo hesitou, avançou muito depressa e pegou na carne. Depois afastou-se, já mais lenta e confiantemente, e deitou-se a comê-la junto da árvore.

O homem fechou o saco e os olhos e adormeceu. A noite ia alta e fria.

Acordou horas depois com uma doce sensação de calor. Abriu os olhos e, com movimentos leves, para não acordar o lobo que fora dormir enroscado nele, abriu de novo o saco e tirou um bocado de pão que comeu. Depois, retirou outro bocado de carne e estendeu a sua mão perto do nariz do lobo, que abriu os olhos de repente e, passado o susto, lhe foi à mão buscar a carne para comer.

Os dias passaram e o homem e o lobo tornaram-se grandes amigos. Viajaram por muitas terras, gozando da mútua boa companhia, até que um dia o lobo começou a não querer viajar mais.